



Francisco de Jesús Hernández
U.E. Miguel Nunes de Sales
Professordjesus.2013@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-5420-0679>
Porto-Piauí, Brasil

Sugerencia como citar: De Jesús, F. (2025). O ferreiro e o martelo: metáforas do ofício na poesia de Elio Ferreira. Revista: Mundo Científico Internacional. Volumen 13. Pág. 07-18, <https://mucin.nelkuali.com/>

Recibido:24/09/2025

Aprobado:24/10/2025

Publicado:01/11/2025

O FERREIRO E O MARTELO: METÁFORAS DO OFÍCIO NA POESIA DE ELIO FERREIRA

THE BLACKSMITH AND THE HAMMER: METAPHORS OF OFFICE IN THE POETRY OF ELIO FERREIRA

EL HERRERO Y EL MARTILLO: METÁFORAS DEL OFICIO EN LA POESÍA DE ELIO FERREIRA

Resumo

Este artigo teve como objetivo analisar o poema *O Ferreiro e o Martelo*, de Elio Ferreira, destacando as metáforas que conectam o ofício do ferreiro à experiência de vida, memória e ancestralidade afro-brasileira. Busca-se compreender como elementos do trabalho manual, como o ferro, o martelo e o fogo, simbolizam resistência, identidade e transformação pessoal e social. A metodologia adotada é qualitativa, baseada na análise literária e hermenêutica do poema. Foram examinados aspectos semânticos, estilísticos e simbólicos, articulando-os com estudos sobre tradição oral, memória cultural e representações do trabalho na literatura brasileira contemporânea. Os resultados evidenciam que o poema utiliza o martelo e o ferro como metáforas da ação, perseverança e transmissão de saberes intergeracionais. Conclui-se que *O Ferreiro e o Martelo* constroem uma narrativa poética que une tradição e modernidade, memória coletiva e reflexão existencial, consolidando-se como obra representativa da produção literária de Elio Ferreira.

Palavras-chave: metáfora, ofício, ancestralidade, resistência, poesia brasileira

Abstract

This article aims to analyze Elio Ferreira's poem *O Ferreiro e o Martelo* (The Blacksmith and the Hammer), highlighting the metaphors that connect the blacksmith's craft to the Afro-Brazilian experience of life, memory, and ancestry. It seeks to understand how elements of manual labor, such as

iron, hammer, and fire, symbolize resistance, identity, and personal and social transformation. The methodology adopted is qualitative, based on literary and hermeneutic analysis of the poem. Semantic, stylistic, and symbolic aspects were examined, articulating them with studies on oral tradition, cultural memory, and representations of work in contemporary Brazilian literature. The results show that the poem uses the hammer and iron as metaphors for action, perseverance, and the transmission of intergenerational knowledge. It is concluded that *O Ferreiro e o Martelo* constructs a poetic narrative that unites tradition and modernity, collective memory and existential reflection, consolidating itself as a representative work of Elio Ferreira's literary production.

Keywords: metaphor, craft, ancestry, resistance, Brazilian poetry

Resumen

El objetivo de este artículo fue analizar el poema *O Ferreiro e o Martelo* (El herrero y el martillo), de Elio Ferreira, destacando las metáforas que conectan el oficio del herrero con la experiencia de vida, la memoria y la ascendencia afrobrasileña. Se busca comprender cómo los elementos del trabajo manual, como el hierro, el martillo y el fuego, simbolizan la resistencia, la identidad y la transformación personal y social. La metodología adoptada es cualitativa, basada en el análisis literario y hermenéutico del poema. Se examinaron aspectos semánticos, estilísticos y simbólicos, articulándolos con estudios sobre la tradición oral, la memoria cultural y las representaciones del trabajo en la literatura brasileña contemporánea. Los resultados evidencian que el poema utiliza el martillo y el hierro como metáforas de la acción, la perseverancia y la transmisión de conocimientos intergeneracionales. Se concluye que *El herrero y el martillo* construyen una narrativa poética que une tradición y modernidad, memoria colectiva y reflexión existencial, consolidándose como una obra representativa de la producción literaria de Elio Ferreira.

Palabras clave: metáfora, oficio, ancestralidad, resistencia, poesía brasileña

Introdução

A literatura brasileira contemporânea se sobressai pela habilidade de conectar vivências pessoais e coletivas, criando histórias que interagem com a memória, identidade e cultura. Nesse cenário, a poesia de Elio Ferreira, particularmente o poema *O Ferreiro e o Martelo*, exemplifica como a poesia pode converter aspectos cotidianos do trabalho manual em metáforas profundas e significativas, que têm o poder de desvendar dimensões sociais, culturais e existenciais. A obra de Ferreira retrata tanto sua trajetória pessoal, marcada pelo aprendizado do ofício de ferreiro ao lado do pai, quanto o legado das tradições afro-brasileiras e a valorização do saber popular. Nesse contexto, o ferro e o martelo se tornam símbolos de resistência e construção de identidade.

O poema *O Ferreiro e o Martelo* poderiam ser interpretados como uma narrativa poética que relaciona o trabalho do ferreiro, caracterizado pelo esforço físico, pela repetição e pelo domínio do material, às vivências da vida, construindo uma metáfora profunda sobre luta, perseverança e memória. Ao mencionar o martelo, o ferro e o fogo, Ferreira vai além do contexto material do trabalho, conferindo a esses elementos um significado simbólico que remete à ancestralidade, à transmissão de conhecimentos e à resistência diante das adversidades

sociais e históricas. Essa perspectiva possibilita enxergar o poema não somente como uma representação do ofício, mas também como um ambiente para refletir sobre a condição humana e a vivência coletiva.

A análise de *O Ferreiro e o Martelo* se insere em um campo interdisciplinar que dialoga com estudos de literatura, antropologia e sociologia, pois o livro aborda a conexão entre trabalho, cultura e identidade. Pesquisas acerca da poesia afro-brasileira e da tradição oral, como as realizadas por Gilberto Freyre (2002) e Abdias do Nascimento (2010), destacam a relevância de compreender como as práticas culturais e os saberes tradicionais se manifestam na produção literária. Isso possibilita que obras como a de Ferreira sejam interpretadas como registros da memória coletiva e ferramentas de resistência cultural. Assim, o poema proporciona um campo rico para a pesquisa acadêmica sobre como as metáforas literárias podem converter experiências tangíveis em significados simbólicos mais abrangentes.

A opção por martelo e ferro como elementos centrais do poema não é aleatória. O martelo simboliza ação, mudança e resistência; o ferro, por sua vez, representa materialidade, rigidez e durabilidade; já o fogo tem a capacidade de forjar, purificar e transformar. Em conjunto, esses componentes criam uma poética do trabalho que se relaciona com a vida diária e com a trajetória do indivíduo e da comunidade. Ferreira emprega essas imagens para ponderar sobre a ancestralidade, destacando a transmissão de conhecimentos entre gerações e a importância de tradições que frequentemente são desvalorizadas ou marginalizadas no cenário urbano e contemporâneo. Dessa forma, o poema atua como um elo entre o passado e o presente, entre a memória e a criação poética, destacando-se por sua riqueza simbólica e por sua capacidade de engajar o leitor em reflexões sobre cultura, trabalho e identidade.

Além do aspecto simbólico, *O Ferreiro e o Martelo* destaca-se por sua dimensão estética e sonora. A musicalidade do texto, marcada pelo ritmo das palavras e pela cadência que remete ao bater do martelo, reforça a conexão entre forma e conteúdo, entre poética e experiência sensorial. Essa característica aproxima a obra da tradição oral, em que a sonoridade e o ritmo desempenham papel central na transmissão de histórias e saberes. Autores como João Cezar de Castro Rocha (2015) destacam que a poesia contemporânea brasileira com frequência resgata essa dimensão sonora, estabelecendo vínculos com práticas culturais populares e enfatizando a corporeidade da linguagem. Nesse sentido, o poema de Ferreira não se limita a uma reflexão simbólica, mas propõe uma experiência estética que envolve corpo, mente e memória do leitor.

Assim, este artigo se propõe a examinar O Ferreiro e o Martelo por meio das metáforas do ofício e da vida, com o objetivo de entender como componentes do trabalho manual são utilizados para abordar temas de identidade, resistência e ancestralidade. O objetivo do estudo é investigar a relação entre forma e conteúdo, simbolismo e experiência concreta, tradição e modernidade, destacando a importância da obra de Elio Ferreira para a análise da poesia brasileira contemporânea. Ao explorar essas dimensões, busca-se mostrar que o poema vai além de uma simples celebração do ofício do ferreiro; trata-se de uma reflexão significativa sobre a condição humana, a memória coletiva e a importância da arte na preservação e valorização cultural.

A Poética do Trabalho, Memória e Cultura Material

A centralidade da figura do pai ferreiro e do ofício do ferro estabelece o poema em um diálogo com a cultura material e a memória familiar como fontes de identidade (Candido, 2004). Ao descrever a rotina da forja o fogo, a bigorna, o martelo, Ferreira resgata o valor do trabalho manual e sua função estruturante na comunidade rural. O som onomatopéico "O martelo TEM TEM TEM..." funciona como um cronômetro da vida, conferindo ritmo e cadência ao cotidiano e à própria estrutura versal.

O ofício do ferreiro, que produz desde a enxada (ferramenta de subsistência) até a faca e o rifle (instrumentos de defesa), simboliza a fundação da civilização a partir do esforço negro (Bosi, 1992). A lembrança afetiva da figura paterna transcende a biografia, tornando-se um arquivo de memória que resiste à invisibilização imposta pela história oficial (Pollak, 1989). A oficina é o microcosmo onde a identidade do poeta é forjada em calor e resistência.

Ancestralidade e a Estética da Resistência Negra

A matéria-prima e o ofício em "O Ferreiro e o Martelo" convocam o conceito de ancestralidade fundamental na Literatura Negra. A força do ferro e a maestria do ferreiro são diretamente associadas ao arquétipo do Orixá Ogum, divindade das tecnologias, do ferro, da guerra e da forja (Souza, 2011).

Ao evocar Ogum, Elio Ferreira insere a memória paterna em um eixo mítico-religioso que potencializa a narrativa de resistência. O poema se torna um ato de "reexistência" (Nascimento, 2009), pois retira o sujeito negro da margem da história e o coloca no centro da criação cultural, tecnológica e religiosa.

A Literatura Negra, conforme argumenta Duarte (2017), é uma categoria estética e política que se propõe a descolonizar o imaginário, combatendo a ideologia do embranquecimento e reafirmando a negritude como valor. "O Ferreiro e o Martelo" cumpre essa função ao dar dignidade lírica e épica a um ofício negro, historicamente subalternizado.

O "Poemartelos" como Estética de Denúncia e Performance

A obra de Elio Ferreira é analisada sob o signo da performance e da oralidade, características marcantes da poesia afro-brasileira (Souza, 2005). O poeta, conhecido por suas apresentações performáticas e pela criação da Roda de Poesia e Tambores, utiliza o martelo como metáfora de um estilo de escrita incisivo. Ferreira rotulou parte de sua produção como

Poemartelos, um neologismo que sintetiza a união entre poesia (poema) e denúncia incisiva (martelo) (Ferreira, 1986). "O martelo não é mais apenas uma ferramenta para moldar o ferro; transforma-se em um instrumento de escrita que golpeia o conformismo, a injustiça social e o racismo estrutural" (Bicalho, 2021).

Nesse sentido, o martelo não é apenas uma ferramenta, mas uma metáfora da própria palavra. O poeta se assume como o filho que transforma o ferro em verbo de luta. O som repetitivo "TEM TEM TEM" funciona como uma percussão (Bicalho, 2021), conferindo ao verso um ritmo de tambor de candomblé ou de batida de rap, característico da poesia negra contemporânea. A poesia é concebida para ser proferida em voz alta, para "martelar" na consciência social e política.

O ritmo constante e repetitivo do martelo na leitura do poema simula a percussão e o tambor da cultura de matriz africana, conferindo à voz poética uma potência retórica para a militância. Assim, "O Ferreiro e o Martelo" não se limita à contemplação lírica; ele é um texto-performance que martela a consciência do leitor com a força da memória e a urgência da luta (Ferreira, 2006).

O uso dessa estética reforça a função da Literatura Negra de denúncia (Duarte, 2017). Ao invés de uma poesia suave e contemplativa, Ferreira escolhe uma estética de impacto, que exige a atenção e a reflexão sobre o racismo, a invisibilidade e o valor do homem negro do povo.

Metodologia

A análise do poema “*O Ferreiro e o Martelo*”, de Elio Ferreira, adotou uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, fundamentada em três eixos teóricos essenciais para a Crítica Literária Negra contemporânea e o Paradigma da Resistência, a Poética da Ancestralidade e da Oralidade, e finalmente, Memória e Cultura Material como Fundamento Indenitário. Esta investigação foi baseada na análise literário e hermenêutico do poema, o que implica compreender o texto poético como um espaço simbólico de múltiplas camadas de sentido, em constante diálogo entre autor, obra, leitor e contexto histórico-cultural. A abordagem

hermenêutica, inspirada nos fundamentos de Gadamer (2008) e Ricoeur (2007), entende a interpretação como um ato de mediação entre o horizonte do texto e o horizonte do intérprete. Assim, o poema “O Ferreiro e o Martelo”, de Elio Ferreira, é lido não apenas como construção estética, mas como enunciação de uma experiência histórica e existencial, onde o simbólico e o político se entrelaçam.

A hermenêutica contemporânea, como destaca Blanchot (1997), não busca um sentido fixo, mas a abertura de significações possíveis. Desse modo, a leitura literária aqui proposta considera o poema como um campo de forças, em que o trabalho poético se aproxima do trabalho manual do ferreiro, ambos atos de forjar sentido. Nesse processo interpretativo, a metáfora torna-se um instrumento hermenêutico fundamental, pois, segundo Ricoeur (2007), ela “revela o ser no mundo de maneira nova”, promovendo a mediação entre linguagem e experiência.

Além disso, o estudo incorpora perspectivas de hermenêutica decolonial, ancoradas em pensadores como Mignolo (2018) e Walsh (2020), que defendem uma leitura comprometida com as epistemologias do Sul e com os saberes silenciados pela colonialidade do poder. Essa vertente amplia o horizonte hermenêutico, permitindo que a análise do poema de Elio Ferreira valorize o lugar de fala negro e as expressões simbólicas da ancestralidade afro-brasileira como formas legítimas de conhecimento e reflexão estética.

A crítica literária negra contemporânea, representada por autores como Leda Maria Martins (2021) e Conceição Evaristo (2017), reforça a necessidade de uma leitura que una literatura e experiência, palavra e corpo, escrita e memória. Nesse sentido, a hermenêutica aplicada à literatura negra reconhece a poesia como território de reexistência, onde o gesto poético é também gesto político e performativo. Assim, a análise literário-hermenêutica do poema “O Ferreiro e o Martelo” busca compreender como Elio Ferreira transforma o ato de

forjar em metáfora da criação e da resistência, articulando memória, ancestralidade e palavra em um espaço simbólico de profunda densidade cultural.

Crítica Literária Negra e o Paradigma da Resistência

A primeira etapa consistiu na análise do poema sob a perspectiva da Crítica Literária Negra, tomando a negritude como categoria estética e política central. A análise se focou no ofício do ferreiro e o ferro se transformam em símbolos de resistência cultural contra o apagamento histórico. Foram utilizados os fundamentos de Duarte (2017), que define a Literatura Negra como um movimento de descolonização do imaginário, e de Souza (2017), para discutir como o texto confronta a ideologia do embranquecimento e afirma a pertença cultural. O poema será lido como um ato de "reexistência" (Nascimento, 2009), um esforço consciente para reconstruir a identidade do sujeito negro a partir de suas próprias bases culturais e históricas.

A Poética da Ancestralidade e da Oralidade

A segunda etapa aprofundou a análise simbólica do ferro e do martelo, utilizando a perspectiva da ancestralidade e dos Estudos de Performance. O eixo mítico foi explorado com base em autores como Souza (2011), para conectar a figura do ferreiro à força tecnológica e guerreira do Orixá Ogum. A leitura transcendeu o biográfico, situando o trabalho paterno em um espectro cosmológico que confere dignidade e poder ao homem negro.

No que tange à forma, a repetição rítmica “O martelo TEM TEM TEM...” foi examinada como um recurso de oralidade e performatividade. Recorrendo a análises de Bicalho (2021) sobre os *Poemartelos*, esta seção investigou como o ritmo percussivo da escrita evoca a musicalidade afro-brasileira (tambores, capoeira) e funciona como uma estética de denúncia — o martelo como a palavra que golpeia a consciência social.

Memória e Cultura Material como Fundamento Indentário

A terceira etapa se dedicou à análise da memória e da cultura material no poema. O detalhamento dos objetos forjados (enxadas, foices, portas) foi interpretado sob a lente da sociologia da memória de Pollak (1989). A memória, aqui, é vista como um arquivo social que

permite ao poeta construir uma identidade sólida em oposição ao silêncio imposto pela narrativa histórica hegemônica. Além disso, a referência ao trabalho foi cotejada com as ideias de Candido (2004) sobre a dignidade do ofício e a literatura como direito, garantindo que o ferreiro seja visto como um agente estruturante da comunidade.

A integração desses três eixos: Resistência, Ancestralidade/Performance e Memória/Trabalho permitiu uma compreensão completa de “O Ferreiro e o Martelo” não apenas como poesia, mas como um poderoso dispositivo de afirmação identitárias e luta política na Literatura Brasileira. Com certeza. Se apresentou o poema "O Ferreiro e o Martelo" de Elio Ferreira, seguido por uma análise crítica detalhada, focada em seus aspectos temáticos, estéticos e políticos.

O Poema: "O Ferreiro e o Martelo"

O poema é dedicado ao pai do autor, Aluizio Ferreira, e é geralmente citado em sua totalidade ou em partes em estudos sobre a sua obra poética:

O Ferreiro e o Martelo (Ao meu pai Aluizio Ferreira, *in memoriam*)

O meu pai é ferreiro, Ele acorda de manhã, Bem cedinho, Na hora dos passarinhos, O martelo TEM TEM TEM...

O meu pai é ferreiro, Ele acorda a casa, Acorda a vizinhança, Acorda a minha rua, Acorda o bairro inteiro, O martelo TEM TEM TEM...

O meu pai é ferreiro, Um menino puxa o fole: A oficina, a forja, o fogo, O ferro em brasa, a bigorna, A tenaz e a geometria do ferro, O martelo TEM TEM TEM...

O meu pai faz enxada, foice e machado. O meu pai faz chocalho, espora, brida e cabeçote. O meu pai faz faca, facão, rifle e espingarda. O meu pai faz marca de ferrar e ferradura. O meu pai faz porca, parafuso, portas e portões. O meu pai faz o diabo-a-4 de ferro. O martelo TEM TEM TEM...

O meu pai é ferreiro, Ele conta histórias bonitas para mim, Ele acorda de manhã, Bem cedinho, Na hora dos passarinhos. O martelo TEM TEM TEM.

Análise Crítica: O Martelo da Memória e da Ancestralidade

“O Ferreiro e o Martelo” é um dos poemas mais emblemáticos da estética dos Poemartelos, de Elio Ferreira — poeta, professor e militante cuja obra se insere na tradição da Literatura Negra brasileira, especialmente a piauiense. O poema transcende a homenagem ao pai ferreiro, transformando o ofício manual em uma metáfora densa da identidade negra, da resistência e da

ancestralidade. O martelo simboliza a força criadora e libertadora da palavra, representando a forja de uma consciência coletiva que se afirma contra o esquecimento e o apagamento histórico.

A metáfora do ferreiro traduz o ato de “forjar-se” pela memória: cada golpe de martelo é também um gesto de reconstrução simbólica da história do povo negro. A ancestralidade, nesse sentido, aparece como força vital que conecta o sujeito poético às raízes africanas e à dignidade do trabalho, configurando o poema como um espaço de transmissão e continuidade cultural. A escrita de Ferreira incorpora ritmo, cadência e sonoridade, produzindo uma performance textual que aproxima corpo e linguagem, trabalho e arte. Assim, “O Ferreiro e o Martelo” se torna um manifesto poético da memória e da resistência, no qual o fazer literário se funde ao fazer artesanal, revelando a poesia como uma forma de martelar a existência e a liberdade.

Memória, Trabalho e Dignidade

O poema opera, inicialmente, como um ato de memória afetiva e resgate da dignidade do trabalho manual. A dedicatória ao pai, Aluizio Ferreira, enquadra a narrativa em um contexto pessoal, mas a descrição do trabalho é universal. O pai é o agente do tempo e do espaço, cujo martelo estabelece o ritmo da vida: ele acorda a casa, a vizinhança e o bairro. A descrição da oficina é precisa, técnica e respeitosa: "A oficina, a forja, o fogo, / O ferro em brasa, a bigorna". Isso exalta a cultura material e o conhecimento técnico do trabalhador negro, que é capaz de dominar a "geometria do ferro". Essa valorização se opõe diretamente à visão histórica que marginaliza e invisibiliza os ofícios manuais exercidos pela população negra.

O Martelo como Símbolo e Ritmo (Onomatopeia)

O elemento central é o som constante e repetitivo: "O martelo TEM TEM TEM...".
Oralidade e Performance: O som não é apenas onomatopeico; é um recurso rítmico fundamental que evoca a oralidade e a performatividade da poesia de Ferreira. O martelo funciona como um tambor, ligando a poesia à música de matriz africana (percussão, batuque, capoeira) e conferindo ao poema uma cadência de manifesto. Estética do Martelo: O som é a essência do estilo Poemartelos. O martelo se torna a metáfora da palavra, uma palavra que é dura, contundente e incisiva, feita para "golpear" a indiferença e a injustiça social, conforme a própria proposta estética do autor.

A Ancestralidade de Ogum e o Significado do Ferro

A maestria do ferreiro em dominar o ferro e o fogo eleva a figura paterna a um plano mítico. O ferreiro é, poeticamente, uma representação do Orixá Ogum, a divindade iorubá das tecnologias, do ferro, da guerra e do trabalho. Essa ligação com a ancestralidade confere poder e uma profunda raiz cultural ao poema. O ferro, a matéria-prima, é visto como um elemento sagrado e transformador. A enumeração dos objetos criados ilustra a importância desse poder:

- O pai faz "enxada, foice e machado" (ferramentas de subsistência, construção da civilidade rural).
- O pai faz "faca, facão, rifle e espingarda" (instrumentos de defesa e luta).
- A conclusão de que ele "faz o diabo-a-4 de ferro" sintetiza a ideia de que o ferreiro é o construtor do mundo material e um agente de transformação, um poder que nasce da negritude e do ofício.

Reflexões finais

"O Ferreiro e o Martelo", poema de Elio Ferreira, não é um texto que se encerra na última linha; ele ressoa, vibrando com o eco da memória e da luta, consolidando-se como uma obra fundamental na Literatura Afro-Brasileira. Esta análise final comprova que o poema vai além da homenagem biográfica, tornando-se um potente instrumento de afirmações identitárias e resistência estética. A força da obra está em sua habilidade de transformar a experiência diária e o trabalho manual do homem negro em algo mítico e político.

Esta reflexão é importante porque a figura do ferreiro assim como pai, atuam num eixo de alicerce moral e social. Elio Ferreira recorre à memória afetiva para recuperar a dignidade da profissão, enfrentando a marginalização histórica que foi imposta ao trabalho negro. A minuciosa descrição da forja, desde a "geometria do ferro" até os produtos fundamentais para a sobrevivência e defesa da comunidade, posiciona o ferreiro como um agente fundamental na estruturação da civilização local, cujo trabalho transcende a simples labuta, representando uma forma sofisticada de conhecimento e construção. Ele é quem cria tudo o que é necessário para a vida, do arado à porta, demonstrando que o conhecimento popular e técnico das comunidades negras é o alicerce da sociedade.

O "TEM TEM TEM" do martelo, que acorda o bairro inteiro, é a assinatura sonora da presença negra e o registro de sua inestimável contribuição material. Este é um poema que exige que se preste atenção a quem realmente constrói o mundo.

Em segundo lugar, a obra proporciona uma contribuição estética indiscutível por meio da poética dos "Poemartelos". A metáfora principal da palavra-armas é o martelo. O som percussivo, ao ser repetido de forma rítmica, liga o poema à oralidade e à performance, componentes essenciais da cultura de matriz africana. O poema não é passivo; ele foi criado para ser recitado e para chocar a indiferença. Essa opção estética está diretamente ligada à função política e militante da Literatura Negra, que busca descolonizar o imaginário utilizando um ritmo de resistência, semelhante ao tambor, para reivindicar visibilidade e justiça. O poeta, imitando o pai, utiliza seu instrumento para moldar a consciência.

Em última análise, a conexão mais profunda do poema está em sua ligação inegável com a ancestralidade. Ao exaltar o domínio do ferro e do fogo, o poema presta uma homenagem explícita, ainda que em alguns momentos sutil, ao poder tecnológico e bélico da divindade africana ligada ao ferro. Essa invocação mítica converte a oficina em um lugar sagrado, no qual o trabalho é um ritual de poder. O ferro moldado pelo pai transforma-se no vínculo indissolúvel entre a lembrança da diáspora e a confirmação do presente. A luta continua a ressoar, pois o

trabalho e a identidade, moldados pela história e fortalecidos pela resistência, permanecem firmes e inabaláveis. "O Ferreiro e o Martelo" é uma homenagem à força inabalável presente na memória, no trabalho e na cultura afro-brasileira. A poesia de Elio Ferreira é um convite constante para valorizar as raízes e construir um futuro em que a contribuição de cada martelo

seja devidamente reconhecida.

Referências

- Bicalho, G. (2021). Elio Ferreira: poesia à martelada. En *Literatura Afro-Brasileira: teoria e crítica*. Belo Horizonte: Literafro/UFMG.
- Blanchot, M. (1997). *O espaço literário* (A. B. R. de Hollanda, Trad.). Rocco.
- Bosi, A. (1992). *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Candido, A. (2004). *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34.
- Duarte, E. de A. (2017). *Literatura Afro-Brasileira: fundamentos e questões*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

- Evaristo, C. (2017). *Olhos d'água*. Pallas.
- Ferreira, E. (1986). *Poemartelos: o ciclo de ferro*. Teresina: Abracadabra Edições.
- Ferreira, E. (2006). *Poesia Negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife).
- Gadamer, H.-G. (2008). *Verdade e método* (F. P. Meurer, Trad.). Vozes.
- Martins, L. M. (2021). *Performances da oralitura: corpo, lugar e memória nas literaturas afro-brasileiras*. Mazza Edições.
- Mignolo, W. D. (2018). *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* (S. L. Magalhães, Trad.). UFMG.
- Nascimento, A. do. (2009). *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3–15.
- Ricoeur, P. (2007). *A metáfora viva* (D. Pellizzari, Trad.). Loyola.
- Souza, F. (2005). *Máscaras, feitiços, poesia: escritos sobre literatura e cultura afro-brasileira*. Salvador: EDUFBA.
- Souza, F. (2011). Orixás. En E. de A. Duarte & F. Souza (Orgs.), *Literatura e afrodescendência no Brasil: ensaios*. Belo Horizonte: UFMG.
- Walsh, C. (2020). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Abya-Yala.